ANO I — 1 DE DEZEMBRO DE 1950 — N.º 1

O Jornal dos Pupilos do Exército

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA

1.º de Dezembro de 1640
1.º de Dezembro de 1950

Homenagem de «O Jornal dos Pupilos do Exército» aos Heróis da Independência Nacional

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA — DIRECTOR: ANTERO P. BEIRO GOMES — Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Editorial Império, Ld.ª / R. do Salitre, 151/5

A MANEIRA DE PREFÁCIO

Após alguns anos de «ausência» volta hoje a aparecer o Jornal do Instituto dos Pupilos do Exército.

É com agrado que vemos o reatar desta iniciativa que consideramos de grande utilidade para este estabelecimento; o jornal vai permitir apertar laços de amizade, mostrar o que valem os alunos da casa, permitir que se revelem qualidades que estavam escondidas, vai enfim dar a conhecer a obra do I. P. E.

A direcção do periódico está agora confiada ao Sr. Padre Antero Ribeiro Gomes, nosso capelão e professor. Pretende-se assim ter um coordenador, um orientador dos trabalhos de modo a elevar o mais alto possível o nível desta publicação.

É nosso dever dizer que no nosso Jornal podem colaborar todos desta casa, dos professores aos alunos, actuais e antigos. [illegible] poderão tratar assuntos científicos, literários, morais ou quaisquer outros, desde que visem um fim construtivo. Teremos, certamente, ocasião de apreciar as suas qualidades de prosadores, as suas veias poéticas, os seus sentimentos altruistas, os seus conhecimentos científicos e tantas outras facetas do espírito juvenil.

Esperamos, pois, que todos os alunos, directa ou indirectamente, colaborem na obra agora renascida e que, tendo presente a divisa «Querer é poder» todos se esforcem, para que assim suceda, por honrar esta casa.

Benvindo seja pois o Jornal do Instituto dos Pupilos do Exército!

JORGE C. OOM
Ten.-cor. eng.

Ex.mo Senhor Tenente-Coronel de Engenharia Jorge César Oom, Director do I. P. E

DEVER DE GRATIDÃO

O nosso Jornal apresenta comovidamente as suas homenagens, com protestos do mais vivo reconhecimento, ao nosso dedicadíssimo e querido Director, Ex.mo Senhor Tenente-Coronel de Engenharia Jorge César Oom, a cuja altíssima visão pedagógica deve a sua restauração.

Não esquecemos o acolhimento e apoio que, há dois anos, recebemos do Ex.mo Senhor Tenente-Coronel de Engenharia Artur Quintino Rogado, temporàriamente em serviço da arma a que pertence, e a quem saudamos reconhecidamente.

(Conclui na pág. 2)

A RAZÃO DE SER DO NOSSO JORNAL

Passados quatro anos de sepulcral mudez, recomeça hoje a balbuciar, redivivo, o nosso tão desejado Jornal.

A todos quantos, de perto ou de longe, se interessam pelo reaparecimento e continuação na existência de *O Jornal dos Pupilos do Exército*, queremos dizer da nossa alegria ao vê-lo ressuscitado, e das razões que militam em seu favor, bem como da nossa esperança de o conservar na liça, combatendo o bom combate, pela verdade e pelo bem, ao serviço dos nossos estudantes, das suas famílias e amigos, e da Pátria.

Aos que nos precederam em idêntica tarefa queremos afirmar a nossa boa vontade para continuarmos as legítimas tradições, criadas pelos seus esforços, e tanto basta para conciliar as simpatias de todos, principalmente dos alunos actuais e antigos, dos colaboradores e dos assinantes.

Entramos confiadamente na lide, mas sem ilusões acerca das contingências em que vamos trabalhar, e das dificuldades que a própria miséria humana é capaz de urdir, deixando, todavia, o futuro a Deus, porque ele só a Deus pertence. A nós, a tenacidade na luta em prol do maior bem da nossa querida juventude estudantil.

As instituições humanas têm as suas vicissitudes, como a própria vida. Nascem, crescem, desenvolvem-se, realizam a sua finalidade ou a sua missão, e, terminada esta, desaparecem por seu turno. Esta regra, porém, também admitee excepções.

Obras há que desaparecem extemporâneamente por qualquer motivo adverso, e deixam o seu lugar aberto, fazendo-se sentir a sua falta. Aconteceu assim com o Jornal *Os Pupilos do Exército*, e já por mais de duas vezes.

Sentíamos a falta deste Jornal, e, tanto mais a sentíamos quanto

(Conclui na pág. 4)

ENSINO MÉDIO E ENSINO SUPERIOR TÉCNICO

Está demonstrado e reconhecido por todos que o Ensino Superior tem, entre nós, desenvolvimento excessivo relativamente aos restantes graus da Educação Nacional, donde resulta a formação de legiões de doutores para os quais não pode haver no País colocação condigna.

Apesar disso não se vê adoptada medida adequada a reduzi-lo às suas justas proporções com vista ao bem-estar da Nação, sem prejuízo para o progresso do Trabalho Nacional.

Em país de limitados recursos e modestas realizações, o Ensino Médio deveria, na organização geral do Ensino, constituir o verdadeiro fulcro do sistema.

Se a maioria das nossas iniciativas são de importância média, natural seria também que fossem do grau médio o maior número dos técnicos portugueses.

Destes é que, depois, deveriam sair para o Ensino Superior Técnico os que, entretanto, tivessem revelado maior capacidade intelectual e mais aptidão natural, confirmadas por provas de selecção mental e profissional, feitas quer nas próprias escolas quer em institutos de orientação profissional, cujas indicações deveriam ser reconhecidas ou impostas como absolutamente indispensáveis a uma verdadeira selecção de valores.

Matricular no primeiro ano do Liceu uma criança com 10 anos, sem averiguar se possuirá engenho ou arte, amor à Lavoura ou tacto comercial, possa vir a ser engenheiro ou arquitecto, agrónomo ou comercialista (como agora passarão a chamar-se os diplomados pelo Instituto Superior do Comércio), não me parece a melhor solução.

Torna-se absolutamente necessário procurar saber a tempo e horas qual será a verdadeira vocação do indivíduo e orientá-lo nesse sentido o mais cedo possível.

No Ensino Secundário, pelo menos tal como ele se encontra actualmente organizado, apenas deveriam ser admitidos os alunos com maior cota de mérito absoluto, que se destinassem aos cursos superiores da Universidade Clássica.

Todos os mais iriam para o Ensino Técnico Profissional, cujo grau médio corresponderia ao secundário do ensino geral, isto é,

(Conclui na pág. 2)

Dever de gratidão

(Conclusão da 1.ª pág.)

Recordamos também com gratidão o Ex.mo Sr. Major e Artilharia Eloy Alberto Valverde que tão dedicadamente serviu o Instituto, do qual se ausentou, há pouco, por motivo de serviços regulamentares.

E temos o grato prazer de saudar o nosso actual Subdirector, Ex.mo Senhor Major de Infantaria António Augusto Taveira Pereira, cuja eleição nos encheu de regozijo, devido ao tacto pedagógico com que, há anos, vem ministrando a instrução militar ao Batalhão Escolar do I. P. P. E., e cuja benéfica acção se está fazendo sentir maravilhosamente.

Ao lado dos nossos Ex.mos Director e Subdirector, e no mesmo sentimento de homenagem saudamos o Ex.mo Sr. Capitão de Infantaria José Policarpo Mendes Dias, Secretário e Presidente do Conselho Administrativo do I. P. P. E., bem como o Ex.mo Sr. Capitão do S. A. M. José Rogélio da Palma Vaz, Chefe de Contabilidade, e o Ex.mo Sr. Tenente Arnaldo José do Amaral, Tesoureiro.

O nosso pensamento de gratidão estende-se a todos os senhores oficiais que prestam os seus valiosos serviços na obra do I. P. P. E., cujos nomes omitimos por falta de espaço.

Todavia, de um modo muito particular impõe-se-nos o dever de cumprimentar os nossos queridos e venerados Mestres e Professores, porque, depois dos nossos pais, é a eles que devemos a nossa preparação para a vida. Os seus nomes ficarão para sempre gravados no nosso indestrutível reconhecimento, e, para que as nossas famílias ao menos saibam quantos e quem são esses obreiros da nossa formação integral, aqui [illegible]os os seus nomes com todo o [illegible]rinho.

INSTRUÇÃO MILITAR

Major de Inf.ª António Augusto Taveira Pereira.
Cap. de Inf.ª Álvaro Jorge Rogado Quintino.

INSTRUÇÃO LITERÁRIA E TÉCNICA

Maj. de Eng.ª Raul Barbosa Ferreira Vidigal.
Cap. de Art.ª José de Figueiredo Bastos.
Maj. de Eng.ª Octávio Esteves Paulo Cardoso.
Cap. de Eng.ª Raul de Brito Subtil.
Maj. de Eng.ª José Mexia Heitor Júnior.
Maj. Médico Carlos Pereira da da Silva Costa.
Major de Eng.ª Manuel da Conceição Gomes.
Maj. de Eng.ª Floriano Bernardo das Neves.
Cap. de Eng.ª Domingos Cabral de Melo.
Major de Eng.ª Laurentino de Almeida e Sá.
Ten. Mil.º Fernando José de Castro Ataíde Vilela Cordeiro.
Cap. do Q. S. A. E. José Maria de Lemos.
Maj. de Inf.ª Acácio Borges da Silva.
Cap. de Inf.ª José Manuel Alves Ribeiro.
Maj. de Inf.ª Mário Teles Pamplona.
Cap. de Inf.ª António Martins Gomes.
Ten-Cor. de Inf.ª José da Cruz Ribeiro.
Maj. de Eng.ª Manuel Brás Martins.
Maj. de Inf.ª Francisco Maria Ramos e Silva.
Cap. de Eng.ª José Domingos Peres Garrido.
Maj. de Eng.ª Vítor Francisco de Sousa Franco.
Maj. de Eng.ª Luís Maria de Oliveira Carmo Soares e Silva.
Civil — Prof. Rogério Palléti Berger.
Cap. de Inf.ª José Ricardo de Barros Amado da Cunha.
Cap. de Art.ª José de Figueiredo Bastos.
Cap. de Eng.ª Humberto Lopes Gonçalves Garcia.
Cap. de Art.ª Alfredo Botelho de Oliveira.
Cap. de Eng.ª Mário Jorge Reis de Sousa.
Maj. do S. A. M. Henrique Lorena Ermida.
Cap. do S. A. M. Cristóvão da Ponte Carvalho.
Maj. do S. A. M. José Domingos Lampreia.
Cap. de Inf.ª Eugénio Carlos Garcia.
Cap. do S. A. M. José Bento.
Cap. do S. A. M. Marcelino Ferreira Martinho.
Cap.-Ten. Eng.º Flávio Aniceto Coelho da Costa.
Cap. de Art.ª Manuel do Nascimento Antas.
Dr. Filipe Teodoro Lino Pinto Furtado.
Padre Antero Ribeiro Gomes.

GINÁSTICA

Cap. de Art.ª António Rafael Maria de N. da Costa Paulino.
Tent. Art.ª Júlio Manuel de Oliveira Montalvão e Silva.

Aprecia salada de frutas?

Para a sobremesa dos meus jovens leitores, à falta de melhor, vou servir-lhes um pensamento velho e novo, a que chamo uma salada de frutas.

Ignorais-vos, e começareis a ser homens no dia em que vos conhecerdes. Isto é coisa velha.

Talvez por atavismo, acho sabor agradável às velhas histórias de outros tempos, semelhantes aos contos de fadas e de mouras encantadas. Não julgo isso repreensível. E vós?

Se estais de acordo comigo, melhor será. Quero dizer-vos quanto gosto de recordar coisas e loisas que a história antiga narra acerca de homens da civilização passada, que gerou a nossa.

A História da filosofia, que é a das grandes correntes do pensamento humano, fala-nos longamente de certos homens de grande valor intelectual, moral e artístico. Lembro-me, precisamente agora do famoso Sócrates, o primeiro filósofo moralista de universal renome.

Conta-se que, um dia, este filósofo deixou as ocupações que seu pai lhe dera, para se dedicar sòmente à educação moral dos rapazes, seus contemporâneos, cuja corrupção alastrava assustadoramente pela cidade de Atenas.

Para isso, Sócrates inventara um método pedagógico muito original, e, ao que parece, bem certeiro. A esse método chamaram, na linguagem do país, «Maieutica» como à arte das parteiras.

Consistia ele em dirigir perguntas em série, de resposta evidente ou fácil para o bom senso, indo das coisas simples até às complexas, sempre no terreno da experiência pessoal, como que para obrigar os jovens a descobrirem, em si próprios, a verdade, nua e crua, acerca do valor da vida, que possuiam e malbaratavam.

Devia ser um importuno, o velho prégador de conceitos moralizadores. Mas, coisa curiosa, os jovens gostavam de conversar com aquele homem feio e original, embora se vissem obrigados, frequentemente, a reconhecer os erros em que viviam.

om o andar do tempo e pelos sucessos que conseguia entre os rapazes de Atenas, Sócrates ganhou enorme fama de sábio, isto é, de filósofo, entre a gente culta da cidade. Todavia os outros sábios que a história apelida de sofistas, conceberam grande inveja de Sócrates, que ensinava teorias diferentes e até opostas às deles, e sem dinheiro, sem outra paga que não fosse a de conseguir que os discípulos orientassem a sua conduta pelos princípios do mestre. Os outros vendiam a «ciência» cozinhada ao sabor dos apetites dos alunos.

Sem outra preocupação que não fosse a de uma racional vida moral, Sócrates ia direitinho à verdade, mesmo que isso contrariasse as tendências daquela juventude sem freio.

Diz-se que um dia, levado pelo escrúpulo em não enganar a mocidade, Sócrates se resolveu a ir até Delfos, onde havia um célebre templo dedicado ao deus Apolo, para consultar o seu oráculo, a fim de saber da própria boca daquela divindade, qual seria o homem mais sábio do mundo, talvez desejoso de se medir com ele, e assim aquilatar melhor da sua ciência moral, ou para se inscrever na sua escola.

Chegado que ele foi, em frente do templo de Apolo, Sócrates leu no frontispício, em exergo, estas tão simples como célebres palavras: «Conhece-te a ti mesmo».

Dizem que o filósofo se deteve por longo tempo a meditar naquelas palavras sentenciosas. Elas acordaram profunda ressonância em sua alma, e ele quase

(Conclui na pág. 3)

Ensino médio e ensino superior técnico

(Conclusão da 1.ª pág.)

não seria pelos liceus mas pelas escolas médias que passariam os alunos com destino ao Ensino Superior Técnico.

E, assim, aluno que não lograsse nota para passar a este grau de ensino ficaria com um diploma que o habilitaria ao exercício de uma profissão — finalidade de todo o ensino em qualquer país.

O Ensino Médio — Comercial, Industrial e Agrícola — deveria, de entre todos os graus e ramos de instrução, ser aquele que, entre nós, maior atenção merecesse tanto ao Estado como a todas as forças vivas da Nação.

Em artigo recentemente publicado noutro lugar me referi às características deste grau de ensino, o qual deverá ter feição essencialmente prática e ser ministrado, a partir de certa altura, no próprio ambiente onde mais tarde os respectivos diplomados virão a exercer a sua actividade.

Deverá também inspirar-se nas indústrias genuinamente portuguesas, pois está provado que o desenvolvimento das nossas e indústrias constituirá o mais forte baluarte contra a corrente de desnacionalização cada vez mais impetuosa que ameaça as mais velhas nações do Mundo.

As vantagens resultantes dum tal sistema são por demais evidentes. Além da nacionalização do trabalho em Portugal e da sua valorização, teríamos os técnicos com a formação profissional melhor ajustada às necessidades do País e veríamos a penetrar o ensino no seio das massas populares que naturalmente viriam a reconhecer a necessidade de se utilizar, de preferência, os profissionais preparados pelas escolas nacionais.

Sem este reconhecimento por parte do público, com a escola divorciada do meio a que se destinam os seus diplomados, não pode existir o verdadeiro estímulo para a preparação científica e formação técnica, indispensáveis ao conveniente exercício da profissão e ao progresso do País.

Quando o industrial, o comerciante ou o lavrador português der a preferência aos diplomados, estes aparecerão como consequência natural da lei da oferta e da procura.

Até lá e antes que se radique na alma do povo a necessidade do ensino e a conveniência da utilização dos melhor habilitados, podem as escolas abrir, mas a sua frequência é que não corresponderá às necessidades reais da Produção Nacional.

Evidentemente que o ambiente favorável à preparação escolar dos nossos técnicos, seja qual fôr a sua categoria e situação, depende em primeiro lugar do próprio técnico, da sua probidade profissional, da sua competência e do zelo posto na defesa dos legítimos interesses do capital através da tarefa que lhe está confiada.

Mas para que tal suceda é também indispensável que o Capital e a Sociedade reconheçam ao trabalhador o direito que lhe assiste de ser convenientemente remunerado e justamente considerado como elemento de indiscutível utilidade social.

No dia em que o Capital e o Trabalho, a escola e o meio se derem as mãos para uma aliança bilateral, fundada no respeito mútuo dos respectivos interesses, quando o trabalhador, em resultado da sua preparação, produzir, entregue a si próprio, o mais e o melhor, recebendo do Capital, em troca do esforço dispendido a favor da colectividade, o máximo de onorários e outros benefícios, teremos realizado as condições mais propícias à organização e funcionamento do Ensino Nacional capaz de promover o rápido progresso do País, e de garantir a verdadeira paz entre todos os portugueses, pela compreensão dos deveres e direitos de cada um.

Cabe à Família, e em particular às escolas que mais directamente preparam o indivíduo para o exercício da profissão, despertar no aluno, como futuro profissional, o sentimento dos seus deveres para com o Capital e a Sociedade, competindo a esta e ao Estado fazer o resto para que sejam atingidos tão altos fins.

Domingos Cabral de Melo
Cap. des eng.

Aos nossos parentes, amigos e benfeitores

Se vos interessais deveras pela obra de educação e preparação dos jovens para a vida, dai-nos o apoio da vossa colaboração, assinando este «jornal».

PÁGINA Literária

CRUELDADE

Que luzes acendeste, que não vejo
Nada em redor de mim, senão a dor
Das coisas mortas, do que eu não desejo;
Que luzes acendeste, meu amor?

Sombras, torturas, dores que sem pejo
Vêm roubar-me a vida ainda em flor;
Afasta da minh'alma esse lampejo
Cruel, brutal, que aqui vieste pôr!

Porque não ouves tu o meu lamento,
E vens edificar o meu tormento
Por sobre as cinzas mortas do passado;

Porque teimas em vir, se é curta a vida,
Martirisar com a visão esquecida
Este meu pobre coração cansado?...

BERNARDINO TORRES
(antigo aluno do I. P. P. E.)

Esta página de ensaios literários é como o jardim onde as plantas nascem, crescem e se aperfeiçoam.

Por isso pedimos aos críticos exigentes um pouco de indulgência, que um dia ficarão plenamente satisfeitos.

Mágoas do amor desfeito

Criamos símbolos. A comparsita das notas soluçantes, gemendo de amores, contorcendo-se em ais cada vez mais profundos, era a força viva, a expressão mais sentida do nosso amor.

Ela se ouve, soluçando, gemendo, trazendo nas suas notas, que se esmagam em gritos de prazer, em queixumes enervantes, amores doutras paragens, canções doutros corações... ela veio de longe, de terras distantes, onde o sol tudo ensanguenta e a lua é de saudade... Para cá chegar, atravessou os mares, escutou todos os anseios, sentiu todos os beijos!...

A música do nosso amor, a música, que nos estremecia e nos punha no olhar a chama de um desejo mais forte, se eleva em meu pensamento desordenado, pensamento que muito quis, que muito desejou... pensamento desiludido, que, ouvindo, sentindo os sons enervantes, gritos, soluços, gemidos, requebros de amor, pedaços de vida, retalhos de alma, te escreve a última carta, no mesmo lugar em que outrora te escreveu a primeira, naquela manhã de um Domingo de Dezembro, em que a chuva caía mais brandamente.

A chuva cai, os sinos badalam. A música, que soluça, se confunde... o amor nascido naquele dia distante tem o seu fim, passado não sei quanto tempo, vividas não sei quantas emoções...

[illegible] badalar dos sinos, os passos apressados dos crentes, a comparsita, símbolo vivo do grande amor que morreu... Já nada existe... a comparsita já desceu ao silêncio... os crentes já passaram... os sinos cansados repousam indiferentes, silenciosos e frios, lá no alto, molhados pela chuva que continua caindo...

Tudo morreu... À minha frente, resto duma paixão, tenho as primeiras palavras duma canção estranha, que um dia pensei escrever... elas retratam o teu amor, os teus beijos, as saudades... Só agora sei o que é amor, agora, que indiferentemente olho e analiso o passado... mas cubro-o com um manto de poesia, a poesia duma mocidade, e esqueço-o para não sentir a saudade!...

Tive receio deste amor. Por isso ponho o ponto final numa altura, em que nem eu nem tu poderíamos imaginar que tudo viria acabar. Mas tudo tem o seu fim, tudo envelhece e tudo morre... Tudo cansa e tudo volta ao silêncio...

Já não tocam os sinos, já não se ouve a música... já não se sentem os passos apressados da gente religiosa e já não há amor... Só a chuva cai, tumultuosa e fria, como naquela manhã de Dezembro, em que pela primeira vez te escrevi.

Lisboa, Setembro de 1950.

DARIO BASTOS MARTINS
(Antigo aluno do I. P. P. E.)

PEDIR

Noite chuvosa que grande tormenta.
Vai errante pedinte vagueando.
Grossas lágrimas ele vai chorando,
torturado por cruel morte lenta.

Ele só que em miséria se sustenta,
e para esta arranjar lá vai penando
toda a vida, ou sabe Deus até quando?
Viverá nesta luta que sustenta?

Mas logo que adormece vendo em sonhos.
Uma vida que esquece a petição,
que momentos tão belos, que risonhos

que bom viver com esta abnegação.
E quando abre os olhos já tristonhos,
recomeça a pedir que é seu condão.

BELMIRO DE CAMPOS
Aluno n.º 255

VIDA ESCOLAR

Estamos em plena actividade escolar deste novo ano lectivo de 1950-1951.

As duas Secções do I. P. P. E., a certas horas do dia, dão-nos a impressão de imensas colmeias de laboriosas abelhas.

A faina das aulas assemelha-se [illegible] dia a dia, na aquisição de novos conhecimentos científicos.

Entre nós tudo marcha em boa ordem, graças à subtil presença do nosso dedicadíssimo Director e de seus colaboradores mais directos. A actuação dos nossos superiores vê-se, sente-se em toda a parte, onde se desenrola a nossa vida estudantil, mas com uma peculiar característica muito apreciável, porque é, a um tempo, forte e suave, como o segredar dos conselhos da mãe, ao cairem-nos, docemente, dentro do coração para nos orientarem nos caminhos da vida.

Somos assim uma grande família, onde tudo se encontra bem ordenado, cada qual no seu lugar. Daqui resulta, a harmonia e a alegria de viver.

Em nós, e à volta de nós, tudo se renova. No fim de cada ano vemos, com saudade, os nossos companheiros mais velhos, que partem para a labuta da vida. Mas, os lugares vagos são logo preenchidos por outros mais novos, que vêem frequentar o I. P. P. E. pela primeira vez.

O contingente do corrente ano é fruto da mais feliz selecção, devido à superabundância dos concorrentes e ao reduzido número de vagas.

Anda por cerca de quarenta, «pilõezinhos» o número dos novos. São todos vivos, de aspecto inteligente e prometedor. Vieram de todas as partes do Império, e trazem consigo os ares graciosos da sua região. Alguns há entre eles, que dão mais nas vistas, como os manos «Leitão», excelentes crianças, que têm todo o brilho do folclore minhoto.

Todos estes esperançosos rapazes dão a impressão de se sentirem felizes, graças ao ambiente acolhedor que os recebeu. Ainda se não viram cenas de saudade a pingar lágrimas, o que é bom sinal.

Entregues ao estudo e às várias ocupações próprias do Instituto, vamos levando a vida alegremente, cantando e rindo. Reparai neste

grupo. São alguns alunos do 2.º ano do Curso Preparatório. O seu aspecto alegre e despreocupado mostra o que é, para nós, um intervalo de aulas.

O I. P. E. mostra que continuará a erguer bem alto o estandarte da educação integral e da instrução técnica, profissional, militar, literária e cultural, continuando a sua já gloriosa tradição, e aperfeiçoando-se sempre como é próprio dum organismo vivo e vigoroso.

Os nossos antigos alunos que honram o Instituto pela competência técnica e profissional e pelo aprumo moral com que ocupam os seus lugares na sociedade, são para todos nós, um precioso estímulo.

Nós lemos com admiração e emulação construtiva os fastos das suas vitórias. Queremos continuar a merecer, como tantos deles, as melhores referências aos serviços prestados durante os tirocínios, como este, de quem lemos na Ordem do I. P. E. «Que se transcreva a informação prestada pela Parry Son, Lda., sobre o aproveitamento do tirocínio do aluno n.º 92, Dário Bastos Martins, que diz: «Revelou preparação que honra o Curso do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, e possui a intuição da prática, qualidades estas que, aliadas à boa vontade de aumentar os conhecimentos, o vão tornar um auxiliar de muita utilidade».

A verdade manda dizer que esta apreciação recebeu plena confirmação na vida prática.

Parabéns ao querido amigo e colaborador de «O Jornal dos Pupilos do Exército».

Os novos esforçar-se-ão por seguir no mesmo caminho da honra, da competência, do dever profissional, moral e cívico.

Àvante, pois, rumo à vida!

APRECIA SALADA DE FRUTAS?

(Conclusão da pág. 2)

que desistia de entrar a consultar a pitonisa, por desnecessário, pois tanta havia sido a luz a inundar-lhe a inteligência e a aquecer-lhe o coração, que já se dava por satisfeito. No entanto, já que tinha feito a viagem, decidiu-se a consultar o oráculo de Apolo. Queria, pois, saber qual era o homem mais sábio do mundo.

[illegible] tes termos: «O homem mais sábio do mundo é Sócrates».

Gostarias de saber qual a impressão causada pela resposta na consciência do filósofo? Pois creio que não se espantou, e que se retirou silencioso, dominado pela profundeza e vastidão daquela outra frase lida à entrada do templo: «Conhece-te a ti mesmo». Saber de si, ou conhecer-se a si próprio seria pois a maior das ciências.

Ainda hoje assim é. O homem mais sábio do mundo é aquele que se conhece, no sentido socrático da expressão.

Sim, para muitos de vós, para a quase totalidade, os homens ignoram-se, mesmo quando estejam de posse dos maiores segredos da natureza exterior, e o nosso conhecimento do homem vai pouco além da anatomia.

Por isso é que, já em nossos dias, um outra grande e verdadeiro sábio se esforçou por atrair as atenções do homem sobre si mesmo. Com justificada razão, pois, o saudoso Dr. Alexis Carrel escreveu o seu precioso livro que intitulou: «L'Homme, cet inconu» — «O Homem, esse desconhecido».

Afinal de contas, o génio moderno é idêntico ao antigo, como a natureza humana permanecerá até ao fim idêntica ao que ele era no princípio.

Os frutos velhos do humano pensamento assim misturados aos novos, fundem-se tão perfeitamente que nos deixam o mesmo sabor de humanismo constante, cuja melhor lição é sempre a mesma: Ignorais-vos, e só começareis a ser homens no dia em que vos conhecerdes.

A. R. GOMES

Tem filhos para educar?

Assine «O Jornal dos Pupilos do Exército», e encontrará nele um precioso auxiliar na educação de seus filhos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A RAZÃO DE SER DO NOSSO JORNAL

é transbordante e estuante a vitalidade actual do Instituto dos Pupilos dos Exércitos de Terra, Mar e Ar.

A vida, que é emanação de Deus, onde estiver, tem de se manifestar, sob pena de não passar de simples aparência.

Aqui, a vida é realidade. Entre nós palpita a mais pujante vida de espíritos sãos em corpos sãos, manifestando-se na formação e na cultura da inteligência e do coração dos nossos quatrocentos jovens estudantes, oriundos de todas as províncias do Império Português, de aquém e de além-mar.

Estes rapazes acorrem assim ao I. P. P. E., no intenso desejo de se prepararem para uma existência feliz, na posse e na fruição das verdadeiras riquezas intelectuais, morais, físicas e espirituais, às quais o ser humano tão profundamente aspira.

O Jornal que ora se vos apresenta de novo, queridos Amigos, não será a única nem a principal manifestação da nossa pujante vida estudantil, mas pretende ser como que o termómetro para indicar a nós mesmos, às nossas famílias, aos nossos Superiores e mestres, ao Mundo, enfim, a nossa ascensão na escala do ser e do agir, isto é, o nosso aproveitamento e progresso na formação integral que estamos recebendo no nosso querido Instituto.

Por meio deste Jornal, os nossos Mestres e Professores poderão actuar mais largamente na cultura da nossa inteligência e na formação do nosso coração, escrevendo nas suas colunas a medula das suas melhores lições, para que estas se gravem mais profundamente na substância cinzenta dos nossos cérebros.

Pela nossa parte, poderemos mostrar-lhes de modo mais concreto e inequívoco, os progressos realizados de ano para ano, ensaiando os nossos primeiros vôos literários, tìmidamente ainda, mas adquirindo a consciência do que somos, firmando os nossos passos no caminho que nos levará a ser o que queremos: homens de carácter, capazes de contribuir para um Mundo melhor.

Deste modo, o nosso Jornal tornar-se-á um maravilhoso laboratório, onde recebemos o incentivo ao aperfeiçoamento das nossas qualidades, onde limamos os nossos defeitos e onde damos provas do que somos e sinais do que viremos a ser.

Sob o ponto de vista da nossa cultura intelectual e literária, o Jornal é um instrumento necessário, pedagògicamente, para que em nós se realize o humano rifão antigo: «*Fabricando fit faber*, — o artista aperfeiçoa-se trabalhando».

Quanto às nossas famílias, e aos nossos amigos, que são tantos, Deus louvado, ficarão melhor informados do nosso caminhar firmes pela estrada da vida e da honra, permitindo-lhes assistir, em certo modo, à nossa natural evolução de crianças até sermos homens completos, como o seu amor carinhosamente nos deseja ver.

Por sua vez também a Pátria, cujo amor nos ampara e nos conduz, espera da nossa excelente preparação o máximo de rendimento, no sentido do mais lídimo e estrito dever de filhos seus, dignos dos heróis e dos santos que hoje esmaltam, aos nossos olhos, a sua coroa

(Conclusão da 1.ª pág.)

de glória multissecular. A Pátria olha para nós especialmente através dos olhos dos Exércitos de Portugal, de quem somos os Pupilos.

Os nossos Superiores do Exército têm o direito de exigir que lhes manifestemos já as vibrações do nosso entusiasmo e o progressivo robustecimento do nosso pulso, que amanhã tomará as armas para defesa, conservação e aumento das suas gloriosas tradições históricas.

Com estes objectivos bem definidos, manter-nos-emos rigorosamente, militarmente, dentro da finalidade do I. P. P. E., e daremos plena satisfação a todos quantos se interessam e trabalham verdadeiramente pela esplêndida obra que o Instituto vem realizando.

Este Jornal quer ser o traço de união, ou melhor, o laço sensível que nos une a todos, e queremos que ele seja o clarim e o porta-voz da nossa juventude alegre, disciplinada, laboriosa e entusiasta para bradar aos quatro ventos da Terra, que o muito carinho a nós dedicado pelos Superiores, e os seus grandes sacrifícios por nós não serão baldados, pois os havemos de retribuir na melhor medida possível, pelo nosso esforço de bons alunos hoje, excelentes amanhã, e depois cidadãos dedicados e úteis à Pátria.

Por todos estes motivos, sentimos vivo contentamento ao ver ressurgir o nosso querido Jornal.

Aos nossos caríssimos Amigos, parentes e benfeitores pedimos a atenção da sua carinhosa simpatia para este nosso e vosso Jornal, que se confia totalmente à vossa dedicação.

Por tudo, desde já, muito vos agradece

A DIRECÇÃO

Vida Desportiva no I. P. P. E.

Além dos desportos que praticámos intensamente o ano passado, temos, este ano, algumas modalidades restauradas entre nós, como a esgrima e o remo.

Oportunamente daremos uma crónica das nossas actividades desportivas, que não de interessar muitíssimo. Hoje cia-se a publicação de apontamentos sobre regras de desportos, sempre úteis a todos os que os praticam ou os apreciam.

Regras, Técnica e Táctica de Hand-Ball

Por Fernando Loureiro, aluno n.º 390

«Breves considerações»

Ao escrever a série de artigos que hoje inicio, não pretendo ensinar.

Não! O meu fim é o de esclarecer em alguns pontos as dúvidas que possam surgir no espírito dos nossos leitores.

A minha experiência nesta modalidade desportiva resume-se a dois anos de actividade, o que, evidentemente, é muito pouco, mas dá-me o direito de fazer alguns esquemas tácticos, que poderão ser aplicados com maior ou menor êxito no terreno do jogo. Evidentemente, e isso é do conhecimento de todos os que nos leem, o êxito de uma equipa num desafio depende de variadíssimos factores, sendo os principais a perda de forma dos jogadores, a capacidade táctica da equipa frente ao adversário a defrontar, e ainda a táctica adoptada pelo adversário nesse jogo, que pode destruir tudo quanto por nós foi planeado antes do encontro.

O treinador de uma equipa deve conhecer em pormenor a maneira de jogar da equipa adversária, para pôr em prática a táctica mais aconselhável.

Estes assuntos serão tratados mais em pormenor em números próximos.

Dividirei o meu trabalho em quatro partes, a saber:

1.ª Parte: — História do Hand-Ball no Instituto, nas suas duas modalidades (11 e 7 jogadores).

2.ª Parte: — Regras do Hand-Ball de 11 jogadores.

3.ª Parte: — Regras de Hand-Ball de 7 jogadores.

4.ª Parte: — Técnica e táctica do Hand-Ball nas duas modalidades.

Nestas partes em que divido o meu trabalho, procurarei pôr todo o meu empenho e saber de dois anos consecutivos de praticante, a fim de facultar aos nosos leitores conhecimentos que doutra maneira não teriam oportunidade de obter.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

História do Hand-Ball de 11 jogadores no Instituto

QUER FAZER UMA BOA ACÇÃO?

Digne-se aceitar este «Jornal» ficando seu assinante, ou mande-nos a sua direcção, inscrevendo-se como assinante de «O Jornal dos Pupilos do Exército» em qualquer das seguintes categorias:

De simples assinante	20$00	anuais
De auxiliar	25$00	»
De assinante benfeitor	30$00	»
De amigo de «O Jornal dos Pupilos do Exército»	50$00	»
De Padrinho	100$00	et ultra

E queira remeter-nos a respectiva importância em vale do correio ou em carta registada, dirigida à Administração de «O Jornal dos Pupilos do Exército», Travessa de S. Domingos de Benfica — Lisboa.

Publicaremos os nomes dos nossos estimados Assinantes, que a isso se não oponham, à medida que formos recebendo a importância das suas assinaturas.

AS NOSSAS FESTAS

Uma sessão solene

No dia 4 do passado mês de Novembro realizou-se, no salão de festas, a sessão solene de abertura das aulas no I. P. P. E.

Foi esse um grande dia entre nós.

Em representação do Sr. Presidente da República presidiu Sua Ex.ª o Ministro do Exército, ladeado pelos Srs. Ministro da Marinha, Subsecretário do Exército, pelo Ex.mo Sr. Governador Militar de Lisboa, e Ex.mo Sr. Tenente-Coronel Jorge César Oom, Director do I. P. P. E., que fez o discurso de saudação aos Srs. Ministros e às altas individualidades que os acompanhavam, e salientou o valor daquela solenidade prevista por lei, referindo-se à importante tarefa a realizar pelo Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra e Mar, dirigindo também palavras de muito carinho e saudação aos novos alunos que no mesmo dia tiveram a sua festa.

Seguidamente, a numerosa assistência ouviu, com muito agrado, a «Oração de Sapiência», num brilhante discurso do Sr. Tenente-Coronel José da Cruz Ribeiro, ilustre professor no I. P. P. E., que versou um tema de grande interesse literário e patriótico, focando aspectos da personalidade e da obra imortal de Camões em confronto luminoso com Shakespeare.

Por fim, Sua Ex.ª o Ministro do Exército procedeu à entrega de diplomas e medalhas de condecoração aos numerosos alunos que mais se distinguiram no seu aproveitamento durante o ano passado. Todos os condecorados ouviram palavras de louvor e de estímulo, ditas a cada um por Sua Ex.ª o Ministro do Exército.

Esta solenidade calou fundamente no coração dos nossos estudantes, de suas famílias e dos professores.

Foi, pois, uma festa inolvidável que decorreu num ambiente de grande elevação e de simpatia que a todos maravilhou.

Festa dos novos alunos

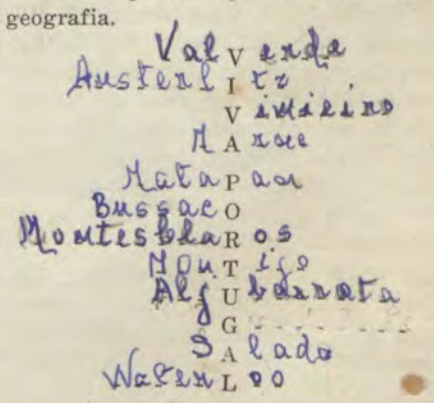
No mesmo dia fez-se também a já tradicional festa de recepção aos novos alunos que se apresentaram em uniforme de gala, muito distintos.

Como é de costume, seguiu-se um vistoso baile em que tomaram parte pessoas de família dos alunos e outras pessoas dedicadas.

A todos, as nossas felicitações.

PASSATEMPO

Para as pessoas que sabem história e geografia.



Substituir os traços por letras de modo que se formem nomes de batalhas em que entraram os portugueses.

JOÃO HENRIQUES DA S. PONTARES
antigo aluno

Paso-dobles